

EDITORIAL

Prezado Leitor,

Sobre o utilitarismo e o hedonismo, a literatura tem sido pródiga em abordagens multidisciplinares, no que tange ao comportamento de clientes e consumidores. Mas, e na produção científica e tecnológica? Como seria possível discriminar e/ou convergir os esforços dos pensadores e produtores do conhecimento? O utilitarismo, na lógica positivista, preconiza esforços e estudos que se direcionam à identificação e proposição de soluções para fenômenos e problemas que incomodam as sociedades. O hedonismo, por outra perspectiva, preceituaria a condição e a lógica da livre reflexão e ações sobre conjecturas possivelmente impactantes nos contextos sociais. Portanto, localiza-se mais propriamente nos espaços das universidades e centros de pesquisa científica, onde a vontade, a satisfação e o prazer em se aventurar a novas fronteiras, livremente, é mais comum.

A lógica utilitarista, predominante nas organizações que desenvolvem produtos e serviços comerciáveis, converge mais propriamente à tecnologia do que à ciência, ou ciência básica. Destina-se mais à aplicabilidade do conhecimento às oportunidades mercantis e soluções de problemas. Já o hedonismo, ao permitir aos pensadores e pesquisadores a liberdade de “livre pensar é só pensar” (Millor Fernandes) e “livre fazer é só fazer”, teria seu *locus* de atuação mais propriamente no espaço de execução no espectro da ciência básica e, portanto, mais pura. Portanto, localiza-se mais propriamente nos espaços das universidades e centros de pesquisa científica, com as escolhas mais livres dos temas em análises.

É neste contexto que me permito ao “livre pensar é só pensar”, (embora reconheça a tal existência do “livre pensar é só fazer” e do “livre fazer é só pensar”), em um tema que imagino ser impactante, importante, oportuno, denso, pertinente e sobretudo corajoso em se colocar em relevo: o da constituição e gestão de grandes organizações públicas e suas relações com governos e empresas privadas brasileiras, notadamente nos últimos anos.

Assumo a liberdade de indicar, por exemplo, algumas organizações e suas respectivas importâncias, potenciais e problemas, tão intensamente abordados nas mídias clássicas e contemporâneas. Assim destaco a maior empresa do complexo do *petrobusiness* no Brasil, uma macro-organização multinacional, tão valorosa à nação brasileira. No mesmo sentido, e com semelhante importância à sociedade, aponto outras, como os bancos de desenvolvimento, a maior empresa de transporte de valores e cartas do país, mineradoras, produtoras de proteínas animais, enormes empreiteiras, o oligopólio bancário, fundos de pensão, clubes de futebol, portos, empresas de energia, grandes supridoras dos mais diversos níveis de governo, empresas de comunicação, consultoria e publicidade, entre tantas outras. Considero que estas e outras organizações sejam substantivamente importantes como sujeitos e objetos de investigações científicas críticas e propositivas, que ultrapassem as intensas abordagens jornalísticas e judiciárias, sobretudo sobre condutas polêmicas e não aceitas na sociedade. Seus modelos de gestão, formais e informais, consistentes em composição orgânica, sistemas, estratégias, estruturas, estafes, estilos, valores compartilhados e resultados haveriam de ser expostos às mais diversas análises críticas efetuadas por analistas acadêmicos idôneos. Estas organizações tem sido notórias em geração de conteúdos que revelam sérios problemas administrativos e éticos, que merecem ser expostos com consistência em investigações acadêmicas.

Certamente a sociedade se revela clamando por mais transparência e utilização inteligente, austera, competente e sóbria dos volumosos recursos críticos empregados nos poderes legislativo e judiciário. Em um país pobre e com múltiplas formas de carências, tal como o Brasil, a dotação e gestão dos recursos destinados a estas entidades torna-se fator de insatisfação evidente nos nossos meios sociais.

É neste sentido que assumo a ousadia de indagar: por que os estudos acadêmicos, neste sentido, têm sido tão escassos? Seriam as limitações na compreensão de conceitos e modelos sobre os sistemas, propósitos e processos sofisticados, inteligentes e densos, aplicados por estas organizações? Seria a indisposição dos pesquisadores em enfrentar questões e atividades muito ardentes? Seriam as dificuldades a serem encontradas nas pesquisas empíricas? Estariam os pesquisadores avaliando possíveis riscos, em atuar em searas perigosas? Seriam as impossibilidades econômicas de realização das pesquisas? Seriam os compromissos cotidianos com as intensas demandas burocráticas consideradas “importantíssimas”, cobradas de grupos de pesquisa e de pesquisadores com elevada capacidade de investigações profundas e promissoras? Seria o desinteresse em se atrever a investigar questões de amplo espectro, quando pesquisas e publicações sem grandes aventuras em fronteiras temáticas, teóricas e metodológicas, já satisfazem ao “necessário produtivismo” cobrado de investigadores com potencial de pesquisas efetivamente importantes para a sociedade brasileira? Seriam as “estratégias” de dotação de recursos contingenciados, que permitem apenas a exploração e descrição de aspectos pontuais ou fractais de organizações? Seria apenas a busca confortável das clássicas reaplicações de validações de modelos já expostos em literaturas, ainda que emergentes? Seriam todas estas contingências conjuntas? Seriam outros interesses? Ou seriam outras as causas? Tenho a convicção de que não seria a baixa atribuição de importância a pesquisas profundas e consistentes, proporcionada por entidades avaliadoras, tal como tem sido cobrado pela CAPES/Sucupira.

O que me parece claro é que a academia não poderia, nem deveria, estar omissa nas investigações abrangentes sobre os ambientes, contextos, propósitos processos e resultados na gestão sistêmica destas grandes organizações nacionais, notadamente em suas ações mais evidentes como potencialmente polêmicas. Possivelmente os domínios da Teoria da Complexidade e dos Caos, contribuiriam às investigações e explanações destas importantes questões nacionais. Parece-me igualmente claro, que a contribuição da academia, com atuação lúcida, competente, rigorosa e imparcial haverá de contribuir substantivamente, não apenas na elucidação de fenômenos e enigmas instigantes, como também na consolidação de seu posicionamento consistente e independente como força viva da nação brasileira.

O que se constata, por outro lado, é a profusão de estudos superficiais sobre matizes de processos gerenciais, quase sempre generosos e complacentes, em relação a estas grandes organizações, notadamente as públicas. Elementos como os estudos sobre os cenários e as organizações institucionais, a entrada e a aplicação eficaz e eficiente de recursos críticos da prestação dos serviços, a inserção de pessoas (notadamente em cargos denominados “estratégicos”), a relação custo/benefício efetivo à sociedade brasileira, as aplicações financeiras e seus relatórios de prestação de contas, o esclarecimento do direcionamento das ações administrativas efetivamente à sociedade, assim como aquelas que visem exclusivamente a interesses corporativos, político/partidários e pessoais, muitas vezes escusos, devem ser investigados pela academia, atendendo aos preceitos científicos da busca da verdade, de forma idônea, isenta, autônoma, competente e ciente da responsabilidade pública dos profissionais da academia.

Entendo que cabe à academia, na área da gestão, o compromisso e a predeterminação a entender e expor contextos inteligentes e eventualmente caóticos, assumindo corajosamente, no mesmo sentido, o compromisso com as necessidades de, efetivamente, prestar contribuições substantivas, robustas e importantes à nação, através de suas pesquisas acadêmicas sobre as organizações que nos prestam seus serviços, ou nos proveem produtos. Em consonância, a predisposição acadêmica se dirigiria intensamente na orientação utilitarista das investigações e publicações, objetivando contribuições positivas à nação brasileira.

Com abordagens neste sentido, esta academia certamente haverá de elevar o patamar do estado das artes no complexo de conteúdos analíticos e críticos deste tema, marcando uma significativa evolução neste vasto campo do conhecimento. Em consonância, a predisposição acadêmica se dirigiria intensamente na orientação utilitarista das investigações e publicações, objetivando contribuições positivas à nação brasileira.

No sentido corrente da publicação acadêmica, portanto, sem atender ao livre pensar deste editor, apresentamos-lhe nesta edição, os trabalhos que atendem às normas editoriais de submissão, em consonância com as respectivas avaliações pertinentes.

Nesta edição estamos publicando 11 trabalhos científicos consistentes e coerentes com a literatura em evidência, portanto desconsiderando o que se sugere acima, com seus potenciais, virtudes e limitações, próprios da produção e difusão do conhecimento. São seis trabalhos de origem nacional e três internacionais, nove artigos, um relato tecnológico e um caso de ensino. Todos eles apresentam os propósitos e processos típicos deste contexto, notadamente o de contribuição ao avanço do conhecimento científico e técnico em seus respectivos temas.

Reafirmando seus propósitos, a Revista Gestão & Tecnologia, por esta Editoria, manifesta sua satisfação e honra em apresentar estas contribuições às comunidades científicas das mais diversas partes do mundo. Ela oferece, em consonância com o estado das artes deste momento, conteúdos substanciais, robustos, consistentes, importantes e oportunos, proporcionados por pesquisadores, visando a contribuição à evolução do conhecimento em fundamentos críticos da ciência da gestão. São artigos que, efetivamente, desafiam o status quo de cada fronteira abordada, nas dimensões das teorias e das metodologias. Neste sentido, agradecemos aos autores que acreditaram nos propósitos deste periódico, submetendo seus artigos em conformidade com os critérios e processos de publicação. Aguardando contribuições na forma de submissões de artigos, de avaliações sérias e consistentes com os propósitos deste periódico, de indicações dela a seus alunos e amigos, assim como de críticas contributivas, renovo os votos de boa leitura e de ótimas reflexões.

José Edson Lara, PhD

Editor Chefe <http://orcid.org/0000-0001-6120-075X>